A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 45 | Domingo 5 de novembro | 1893

D. Carolina Michaëlis Vasconcellos

De 1873 para 1875 publicava-se no Porto uma revista intitulada *Bibliographia critica de Historia e Litteratura*, onde se apresentavam estudos sobre os livros mais importantes que appareciam na Europa, com o intuito de tornar entre nós conhecidos os methodos scientificos actuaes, e de relacionar Portugal com os sabios estrangeiros. Este pequeno movimento que então continuava o impulso da Eschola de Coimbra, mereceu a sympathia de muitos escriptores, como Gaston Paris, Michel Bréal, Monod, Stengel, Grober, Littré, Mussafia, Storck, e attrahiu a collaboração de Reinhardsttoetner, de Monaci, e de D. Carolina Michaelis. Era esta senhora, natural de Berlim, então, pelos seus conhecimentos especiaes da lingua portugueza interprete official do governo allemão nas suas relações com Portugal; e já era conhecida pelo seu singular talento na philologia romanica, não só por obras de glottologia como por estudos sobre as litteraturas italiana e hespanhola. Por este tempo tive o prazer de occupar-me de um estudo critico bibliographico sobre o *Romancero del Cid*, edição feita por D. Carolina Michaelis na livraria Brockhaus em 1871. Escrevemos na *Bibliographia critica:* «O livro de D. Carolina Michaelis distingue-se por ser a mais completa collecção dos romances do Cid, contendo sobre todas as outras collecções mais dezoito romances ineditos, as variantes dos textos recolhidos sobre as edições authenticas, e além d'isso por uma classificação e coordenação historicas... Teve ao seu alcance varios romances em pliegos sueltos do seculo XVI da bibliotheca de Praga, de tal fórma raros que nunca entraram nas collecções até hoje.» (*Ib.*, p. 338.)

Dona Carolina Michaelis entrou em relações com o grupo litterario da *Bibliographia critica*, contribuindo com um estudo de quatorze paginas, escripto em allemão, sobre o *Dictionaire d'Etymologie française* por Scheler. Esse estudo foi publicado mesmo em allemão, como homenagem á escriptora. O grupo da *Bibliographia* arvorava exaltadamente o estandarte do *germanismo* em Portugal. Joaquim de Vasconcellos, já então conhecido pelos seus trabalhos sobre os *Musicos portuguezes*, possuido de enthusiasmo pela Allemanha, onde fôra educado, e querendo constituir familia, partiu um dia de repente para Berlim, para pedir em casamento D. Carolina Michaelis. Eis como a illustre escriptora, levada anteriormente pelos seus estudos philologicos para assumptos de Portugal, se achou ligada por sympathia profunda á nossa nacionalidade.

Em Portugal andavam baralhadas as fileiras litterarias; primeiramente, pelo ataque dos Coimbrões contra Castilho e a eschola do *Elogio mutuo;* depois pela polemica acerrima contra a paraphrase do *Fausto de Goethe*, ou a chamada *Questão faustiana;* e por ultimo entre Camillo Castello Branco e os propagandistas do realismo no romance. No meio das implacaveis dissidencias d'estas refregas litterarias, D. Carolina Michaelis manteve-se sempre no seu criterio scientifico superior, reconhecendo como estrangeira, os meritos artisticos e as feições nacionaes de Castilho e de Camillo, de Anthero de Quental e dos novos talentos com uma imparcialidade e generosidade consoladoras.

A primeira actividade litteraria de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos era especialmente sobre Philologia romanica; publicou na casa Brockhaus o seu livro *Studien zur Romanischen Wortschopfung*, em 1876; mas a historia das litteraturas começava a merecer-lhe uma sympathia exclusiva, publicando a excellente *Antologia* da Poesia hespanhola do seculo XV a XVIII, e a *Fiori della Poesia italiana* juntamente, os livros *Tres flores del Teatro antiguo español*, e o *Remancero del Cid*.

Adoptando de coração a nacionalidade portugueza, D. Carolina Michaelis consagrou á Litteratura portugueza toda a sua sympathia e actividade. Começou por publicar em revistas da Allemanha, como a *Zeitschrifte fur romanische Philologie* magnificos estudos sobre as obras litterarias que appareciam em Portugal, tornando conhecida a nossa corrente mental nos centros estrangeiros. Serviço incomparavel e lição a espiritos pessimistas. N'estes estudos bibliographicos tornam-se verdadeiramente importantes todos os que se referem á obra de Camões; reunidos fariam um opulento volume, com resultados positivos que têm de ser aproveitados em uma edição definitiva do texto de Camões. A sua vasta erudição das litteraturas romanicas e dos processos da philologia classica, deram-lhe a capacidade excepcional para realisar uma edição critica de um escriptor. Basta folhear a assombrosa e monumental edição das *Poesias de Sá de Miranda*, que publicou em Hulle em 1885. A importancia d'este quinhentista avalia-se desde que se conheça que elle foi o introductor da Eschola italiana em Portugal e o precursor de Camões. Desde muito tempo que se reconhecia a falta de uma edição critica das obras de Sá de Miranda, principalmente ante a divergencia dos textos de 1594 e 1614. D. Carolina Michaelis procurou consultar todos os manuscriptos existentes, taes como o de Evora, o de Lisboa, o do Visconde de Juromenho e os dois de Ferdinand Denis. Sobre tudo este ultimo manuscripto eram os cadernos enviados pelo poeta por duas vezes ao Principe D. João, o mallogrado herdeiro de D. João III. Pela morte de Ferdinand Denis perdeu-se este manuscripto; d'elle tirou D. Carolina Michaelis toda a luz para a coordenacão das poesias do querido quinhentista, agrupando todas as variantes impressas e manuscriptas, e acompanhando-as com um valiosissimo estudo biographico e litterario. Tal é a edição typica das *Poesias de Sá de Miranda*, modelo para uma edição critica de que ainda carece Camões.

São numerosos os trabalhos dispersos de D. Carolina Michaelis, como o estudo sobre o *Palmeirim de Inglaterra*, a edição do auto de Fr. Antonio da Estrella, *Pratica dos tres Pastores*, e uma vasta collaboração no *Circulo camoniano*, na *Revista luzitana*, onde tem manifestado uma extraordinaria comprehensão pela poesia tradicional e popular portugueza. Além de tudo isto foi D. Carolina Michaelis que promoveu a traducção allemã dos *Sonetos* de Anthero de Quental. A sua profunda modestia confina-a na vida domestica, cheia de extraordinaria abnegação que mais acrisola a bondade e doçura do seu caracter; mas o seu trabalho é tão valioso, e honra tanto a nação portugueza que ella é já reconhecida como uma gloria de Portugal.

THEOPHILO BRAGA.

CHRONICA ELEGANTE

Na praia de Cascaes, que é a que prolonga até mais tarde a estação balnear, estão-se realisando agora os *picnics* e as *soirées* de despedida.

Tout passe! Passaram as lindas manhãs de sol, em que, á hora da maré, se reuniam na praia as banhistas mais elegantes, passaram as tardes amenas em que se jogava animadamente o *tennis* na esplanada do *Sporting*, passaram as noites temperadas, em que o céo era cravejado de estrellas; e áquelles dias encantadores de outomno succederam-se os prenuncios do inverno, com o céo toldado de nuvens, o ar frio e aspero e o mar agitado batendo e roncando furioso d'encontro aos rochedos da costa. *Tout passe!*

Agora, antes de se afivellarem as mallas, fazem-se as ultimas festas ao ar livre sobre o areial e dansam-se as ultimas quadrilhas e as ultimas valsas nas salas do club. A ausencia dos indiscretos estabelece maior familiaridade nos que ficam, apertam-se mais intimamente as mãos, cingem-se os pares das valsas com mais affecto, sentem-se palpitar os collos com mais ternura e nos derradeiros olhares que se crusam ha já a vaga expressão de saudade que annuncia a separação, como as primeiras sombras do crepusculo annunciam a ausencia da luz dourada do sol que vae fugindo!...

Para quantos corações ternos está cantando a esta hora a cotovia, que annunciava na varanda de Julietta a dolorosa despedida de Romeo! *Tout passe!* Calou-se o amoroso gorgeiar dos rouxinoes, ó Juliettas, e vem já rompendo nas devezas a luz branca da manhã!

Bem sabemos que para o relogio dos namorados os fugitivos minutos da ausencia são largos dias de melancholia e tristeza. Já o dizia a apaixonada hespanhola de Campoamor, quando, coberta de lagrimas, supplicava ao sr. cura que lhe escrevesse uma carta para o seu *Ramon:*

> — *Que és la vida sin ti? Una amargura*
> *Y contigo? Un Eden...*
> — *Haced la lettra clara, señor cura,*
> *Que lo entenda eso bien!*

Mas, felizmente, essas ausencias são curtas. Muda apenas o fundo do quadro. E, para quem ama deveras, tanto importa saber que está ali presente a magestosa e elegante figura do sr. Costa Pinto, como a figura de *Rhadamès*.

Quer seja nas margens do Tejo, em Cascaes, quer nas margens do Nilo, em S. Carlos, a mulher é sempre bella; e tanto pulsa o coração, ouvindo o murmurar dôce das ondas do mar, como ouvindo o clangôr guerreiro das trombetas da *Aida*.

Findou Cascaes? Viva S. Carlos.

GRAZIEL.

CONFIDENCIAS Á GUITARRA

(Continuação)

81

Vê, guitarra, um quadro triste,
Um quadro, que desconsola:
Ás portas dos corações
Anda Amor pedindo esmola!

82

Bate Amor de peito em peito;
Mas anda batendo em vão.
Todas lhe dizem: não ha!
Respondem todas: perdão!

83

O fado amigo de Amor,
Tornou-se em duro inimigo;
Ninguem podia suppôr,
Que Amor chegasse a mendigo.

84

Quando Amor vae supplicando
Ao som da guitarra sua,
Fecham-se logo as janellas,
E fica deserta a rua.

85

Lá vae Amor soluçando,
E sem saber o caminho;
Não chora, não, por ter fome;
Mas sim por andar sósinho.

86

Guitarra! que tristes cantos!
Que longa palpitação!
Tu bem sabes, guitarrinha,
Quanto custa a solidão.

87

N'outro tempo, Amor! Amor!
Vinham vêr se apparecias,
Uns olhinhos, como estrellas,
Por detraz das gelosias.

88

Hoje em dia, Amor! Amor!
Quem se importa quando passas?
Nem se levantam cortinas,
Nem se descerram vidraças!

89

Amor padece de fome,
Soffre de sede, tambem;
De porta em porta pedindo;
Mas não o attende ninguem!

90

Pede Amor um pingo d'agua,
E um bocadinho de pão!
Quando Amor tem fome e sede...
Que fará meu coração?

91

Amor! Amor!... não te esqueças,
Guitarra, se tens estudo:
Começa, pedindo pouco,
E acaba, querendo tudo!

92

Gosa Amor de máo conceito,
E não lhe fazem favor;
Quando pede... é escravo humilde;
Mas servido... é meu senhor.

93

Amor, que disfarces tem!
Ó guitarra! canta, canta!
É romeiro, vae andando
Caminho da Terra Santa!

94

Seus olhos derramam luz,
Seus labios distillam mel;
Leva Amor bordão de pinho,
E vestido de burel.

95

Anda Amor, sem ter descanço;
Caminha de pólo a pólo,
Bate ás portas dos castellos,
De guitarra a tiracollo.

96

Sabe Amor historias bellas,
E cantigas de troveiro;
Ao portão, é peregrino;
Mas na sala... cavalleiro.

97

Entra Amor, e aos pés lhe deitam
Tapetes de terciopello;
Vem pagens annuncial-o,
E duquezas recebel-o.

98

Mal entrou, dá leis a tudo;
Do castello é já senhor!
Eis na torre o pavilhão!
Eis lá dentro... el-rei Amor!

99

Agora, só elle impera;
A sua vontade é lei;
De joelhos, digam todos:
«Viva Amor!» e «Viva El-rei!»

100

Já não tem disfarce, Amor;
Ó guitarra, canta, canta!
Já não quer a Palestina,
Já não vae á Terra Santa!

(Continúa). FERNANDES COSTA.

O CZAR

A *Revue illustrée*, publicando no seu ultimo numero um interessante artigo sobre a familia imperial da Russia, descreve assim a figura do Czar:

Alexandre III conta hoje 48 annos. Alto, forte, de uma constituição de athleta, largo de espaduas, cintura ampla e de estatura imponente, o actual imperador de todas as Russias é o perfeito representante da rigorosa raça dos Romanoff. Tudo n'elle é potente e herculeo. A fronte, prolongada pela calvicie, parece immensa. Os braços musculosos, as longas pernas massiças parecem creadas para os exercicios violentos ou para as luctas terriveis.

No entretanto, quando se observa attentamente aquelle rosto — os olhos sobretudo d'um azul tão doce, olhos francos e claros em que brilha não sei que chamma mysteriosa — a primeira impressão de força, quasi de brutalidade, depressa se dissipa, ficando uma ideia decalma, de simplicidade e de bondade. Tem uma alma de justo n'um corpo de gigante.

«É o unico homem honesto da Russia» — diziam os russos quando elle assumiu o poder. Calumniavam-se de certo. Mas o que é indubitavel é que o czar é o mais modesto, o mais consciencioso e o mais recto dos homens.

A vida intima de Alexandre III é laboriosa e regulada como a de qualquer burguez. As alegrias da familia são as unicas que o attrahem. Fóra das recepções officiaes e das solemnidades religiosas, em que naturalmente e por tradicção se desenvolve uma pompa oriental, e nas quaes elle entende dever fazer respeitar a etiqueta e conservar intacto o prestigio da authoridade imperial, Alexandre III é de uma simplicidade de gostos e d'uma semceremonia de maneiras que se não espera.

Em Gatchina, onde mais frequentemente reside, levanta-se ás sete horas, dá um passeio no parque e principia o dia por qualquer trabalho manual.

Os seus biceps potentes sentem a necessidade de se distenderem. No verão, o seu prazer favorito é, como Gladstone, abater e rachar arvores. Com os braços arremangados, o machado ao hombro, penetra na floresta, escolhe minuciosamente as victimas, e abate a grandes golpes os mais valentes pinheiros e outras arvores.

Na mocidade, dobrava uma barra de ferro contra o joelho, e com um simples encontrão arrombava uma porta.

Conta-se que um dia se lembrou de descer a grande escadaria do castello, a cavallo sobre o corrimão, sustentando em um dos braços a czarina, toda tremula, e no outro braço um dos filhos.

Depois do passeio matinal, trabalha com os ministros. Não assigna nada que não tenha estudado e que não conheça perfeitamente.

FOLHETIM

O CASTELLO DE ALMOUROL

III

A porta abria-se no topo do comprido corredor do centro; a camara de D. Pedro ficava-lhe á esquerda, e o pequeno camarim de Romão Pires á direita. Mettiam-se de permeio dois quartos fechados, e seguia-se a sala aonde D. Maria dormia, tendo ao pé o leito de Brizida de Sousa. O aposento, aonde Antonio Rodrigues conduzia Fr. João, nada inculcava de notavel. Era uma casa vasta, de tres janellas, duas de peitos e uma sacada, cujas paredes abertas em partes conservavam ainda a par de largos pedaços das colgaduras de couro, que em melhores dias as tinham ornado, altos e grandes armarios de pau santo. Os tectos altos e enegrecidos e o pavimento carunchoso, gemendo e estalando com o peso dos passos, atestavam a velhice e o desamparo. Um leito antigo, enorme, com sobreceu e cortinas outr'ora verdes, um velador de pau santo arruinado, e um contador, ainda mais antigo, completavam com tres, ou quatro cadeiras coxas dos pés, ou mutiladas dos braços, a mobilia nada commoda, nem opulenta. Cousa singular! N'este quarto, em que a destruição minava e esfarelava tudo, as unicas cousas intactas e bem conservadas eram alguns paineis grandes, retratos de corpo inteiro de guerreiros, damas, e monges, pintados a oleo, e mettidos em soberbas molduras de carvalho, lavradas de talha alta.

O padre mestre rodeou com os olhos toda a casa, e perguntou, sorrindo-se, ao feitor, se ella passava por ser tambem vexada pelas almas do outro mundo. Antonio Rodrigues abaixou a sua immensa e redonda cabeça, e Brizida benzeu-se devotamente.

— Bem!... N'esse caso é preciso estar armado e vigilante para a batalha! Se escaparmos aos castelhanos do Crato, não quero que acabemos nas garras dos trasgos e diabretes de Tancos. Sr. Antonio Rodrigues, faz favor! Mande trazer para aqui o meu alforge, que ficou na sala de entrada. Sr. Pedro Lavareda (exquisito nome (!)) é bom caçador por certo, e hade ter uma espingarda de mais. Eu tambem gosto de dar o meu tiro de manhã cedo ás perdizes e ás calhandras por essa charneca. Conto levantar-me com o sol, e dar um passeio pelas fazendas, para tornar a vêr estas terras em que não ponho os olhos ha um bom par de annos. Para não ir com as mãos abanando levarei a sua espingarda... Não a heide tratar mal, descanse!...

— Essa é boa, sr. Fr. João! A espingarda, eu, e tudo o que mandar estão ás ordens de vossa reverendissima...

— Muito obrigado!... Olhe não se esqueça de me trazer um frasquinho de polvora.

O tio e o sobrinho sahiram, e o frade, chamando de parte a D. Pedro e a Romão Pires, e pondo as mãos no hombro de cada um d'elles, disse-lhes em voz baixa:

— *Latet anguis!* Anda aqui novello! Este sr. Lavareda, com aquella face compungida de Longuinhos, parece-me fino como um alambre...

Á uma hora, serve-se o lunch imperial. Ás oito horas é o jantar em familia, e um pouco mais tarde, o chá nos aposentos da imperatriz — onde o czar se apresenta de ordinario com traje modesto e muitas vezes com simples blusa de caça.

É um collecionador de primeira ordem. Reuniu em Gatchina maravilhosos tapetes de Gobelin e possue uma das mais completas e das mais ricas collecções de... sellos!

Anniversarios da semana

Domingo 5 — As sr.as: D. Maria do Carmo de Mello Breyner (Sobral), D. Francisca Amalia Lopes de Macedo, D. Lydia S. Mamede.

E os srs.: Dr. José Ribeiro d'Almeida Cornelio da Silva, Julio Victor Carreiro Teixeira de Vasconcellos Ferreira Girão, Francisco Neves de Castro, Henrique Leça da Veiga.

Segunda-feira 6 — As sr.as: Condessa de Valenças, D. Margarida Ignez de Moura, D. Maria José Lapa Brito, D. Carlota Pires de Mascarenhas, D. Maria Thomazia de Mello Breyner, D. Maria Luiza de Sousa Mattos, D. Henriqueta Augusta Botelho Moniz Teixeira, D. Maria de Castro Pereira.

E os srs.: Joaquim Manuel de Sousa Mattos, Julio Augusto d'Oliveira Pires, Fernando Xavier de Bastos Avellar.

Terça-feira 7 — As sr.as: D. Izabel de Castro Corrêa da Silva (Paço d'Arcos), D. Gertrudes Alexandrina Izabel da Cunha Folque, D. Adelaide Telles de Vasconcellos, D. Luiza Guilhermina Fontes de Carvalho.

E os srs.: Conde d'Avila, Barão de Bertelinho, Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, Fernando Caldeira (Borralha), Antonio da Motta Marques.

Quarta-feira 8 — As sr.as: D. Maria da Piedade Leite Pereira Jardim de Vilhena, D. Julia de Portugal de Faria, D. Maria d'Oliveira Calheiros, D. Maria Helena Faria da Fonseca, D. Maria Leonor Le-Cocq.

E os srs.: Dr. Marçal d'Azevedo Pacheco, José Pimenta de Avellar Machado, Theodoro Ferreira Pinto Basto.

Quinta-feira 9 — As sr.as: Marqueza da Ribeira Grande, D. Maria d'Assumpção d'Almeida Noronha (Angeja), D. Izabel Freire de Andrade e Castro (Camaride), D. Maria de Jesus Santa Martha de Oriol Pena (Andaluz), D. Maria José d'Abreu e Lima Alpoim (Carreira), D. Laura Arminda Bettencourt Alves de Sousa.

E os srs.: D. Francisco da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitella), D. Antão Vaz d'Almada, Manuel Thomaz de Sousa Azevedo (Algés), Vasco de Serpa Leitão Freire Pimentel, Thomaz Rosa, Francisco Berquó.

Sexta-feira 10 — As sr.as: Condessa de Bardi, D. Josephina de Castello Branco Ribeiro da Cunha (S. Pedro), D. Maria de Lencastre (Alcaçovas), D. Rosa Biester Mendes Leal, D. Maria da Luz Paes, D. Maria Luciana Crofft de Moura Dias Ferreira.

E os srs.: Conde de Bomfim, D. Pedro José de Mendonça (Azambuja), Constantino de Brito.

Sabbado 11 — As sr.as: Condessa da Calçada, D. Maria da Penha Lobo da Silveira Guedes Pacheco (Alvito), D. Maria da Piedade Corrêa de Sá (Asseca), D. Maria José Lobo da Silva de Noronha d'Almeida.

E os srs.: Conselheiro Antonio Raphael Rodrigues Sette, D. Pedro de Noronha (Angeja), Dr. Alexandre de Sousa Mello (Cruzeiro), João Travassos Valdez (Bomfim), Francisco Guedes de Carvalho e Menezes (Trindade), Carlos Martinho de Freitas e Oliveira.

A felicidade que passou pelo ciume é como uma face que soffreu um ataque de variola. Ficam sempre vestigios.

Paul Bourget.

Os dois, elle e Antonio Rodrigues, o tio e o sobrinho, estão conjurados contra nós... Porquê e para quê? O tempo o dirá. Olho vivo, pois, Romão Pires! Se lhe apparecer visão, ou espectro, receba-m'o ás cutiladas. Eu cá espero a pé firme os que vierem visitar-me, e a agua benta, que lhes deitar, hade chamuscal-os devéras.... Muito bem!... Ahi vem os dois velhacos.

De feito o sogro e o genro chegavam, um com o alforge, e o outro com a espingarda e o frasco. Fr. João fallou um pedaço com elles, sempre com a boca cheia de riso, pediu uma candeia grande para se allumiar até pela manhã, e despediu-se de todos, sem dar mostras da menor desconfiança.

— O padre prega-t'a na menina do olho, sobrinho! Toma conta! disse Antonio Rodrigues com o rosto carregado.

— Veremos, sr. meu tio.

— Guarda te de elle te pôr as mãos. E capaz de estourar um boi.

— Melhor o fará Deus!

— Boas noites.

— Santa Anna e minha madrinha Nossa Senhora o levem na sua Santa guarda.

— Sentido! Nem uma beliscadura!

Em quanto os dois honrados camponezes conversavam em voz baixa no fim do corredor, Fr. João Coutinho passava revista minuciosa ao quarto e parecia ficar inteirado de que as paredes e os armarios não encobriam portas falsas, nem os sobrados alçapões. Abrindo o alforge depois, tirou de dentro um par de pistolas. Verificou a carga de ambas, renovou as escorvas, e passando á espingarda, carregou-a com todo o cuidado, metteu-lhe uma bala, e pousou-a engatilhada á cabeceira da cama. Feito isto foi á porta pé ante pé, descerrou-a de manso e em passo subtil encaminhou-se ao camarim de Romão Pires, aonde se demorou. Á volta — davam onze horas — achou tudo como o deixara, rezou pelo seu breviario, e despindo só o habito, abafou-se, conchegou as colchas, recostou a cabeça, e, decorridos instantes, os roncos assobiados de um somno profundo annunciavam que tinha esquecido os castelhanos do Crato, as almas penadas, e os virtuosos manigrepos ruraes, cuja lealdade não julgára de bons quilates.

Teria repousado duas horas, quando despertou sobresaltado. O leito, pesado e maciço, arfava balouçado como um barco sobre vagas inquietas. O frade entreabriu os olhos. A vela do castiçal estava em um terço, e a luz da candeia brilhava esperta. O quarto continuava deserto e silencioso. Entretanto o leito não parára de dansar, e, facto mais singular ainda! a roupa da cama fugia de vagar, sem apparecer mão, ou braço que lhe tocasse. Fr. João deixou-se ficar, tomando sómente uma posição que lhe consentisse saltar ao chão de um pulo para travar a lucta com os duendes e espectros. Tinha as duas pistolas sobre o velador á cabeceira, e a espingarda ao pé. Entretanto, apesar de animoso e resoluto, o suor principiava a borbulhar-lhe na testa, e um calefrio suspeito a correr-lhe a espinha dorsal.

— Isto não vae bem!... Queria antes ruido, grilhões arrastados... a scena do costume. Esta calada e estes empuchões invisiveis... sinceramente seria de fazer tremer as carnes, se eu não soubesse!... Credo!... Lá se-foi a roupa até aos pés da cama... Não gosto da graça! Que é aquillo? As pinturas andam!?... Oh!...

O SR. ALFERES

Extrahimos do romance *Sr. Alferes*, de Augusto de Mello, a seguinte descripção de uma paisagem alemtejana:

Era meio dia. Margarida no seu elegante e bem mobilado quarto de vestir, terminára a ultima pagina da *Graziella* de Lamartine A leitura n'aquel'e dia impressionara-a, como sempre.

E a *Graziella*, essa narração tão sentimental, descripta pela poetica penna de Lamartine, aquelle martyrio d'amor, aquelle esphacelamento de dois seres apaixonados, tinha vibrado toda a sua alma entristecida. Como soffria! Precisava, porém de pensar em outra cousa, de varrer do espirito essas impressões que a leitura lhe tinha lá deixado. Olhou em torno de si e as alegres paredes do quarto pareceram-lhe muros sombrios d'algum funebre carcere.

Margarida então levantou-se e o livro soltando-se-lhe das mãos, rolou por sobre o tapete.

Correu as cortinas de cretonne côr de rosa, que estavam cerradas na janella, para resguardo do calor; mas a intensidade penetrante da luz feriu-lhe os olhos e obrigou-a por momentos a cerral-os. Em seguida habituando-se á energia dos reverberos do sol, espraiou a vista pelos campos fóra...

No horisonte, para as bandas de Hespanha, uma grossa columna de fumo, proveniente das queimadas dos estevaes, nos baldios de Mourão alastrava-se no ar, abrangendo em um denso manto enegrecido, a atmosphera, como de trovoada; e n'esse fundo escuro destacava-se no pincaro da sua serra, o derrocado castello de Monsaraz, hoje indefeso e arruinado baluarte; mas heroico em outros tempos, n'essas luctas sangrentas, travadas entre os direitos da nossa patria e as ambições castelhanas.

As lufadas do vento suão que penetravam pela janella suffocavam; e lá fóra apenas se moviam brandamente as folhas dos eucalyptos que ladeavam a estrada real de Reguengos a Evora, estrada que se estendia em curvas irregulares e que passava como uma larga fita por sobre os outeiros, cobertos de restolho dourado pelos raios do sol. Esses outeiros apresentavam o aspecto de nedias cabeças de recrutas, com o cabello louro á escovinha, tosquiado e luzidio.

A calma intensa, o ar abafadiço, a aridez d'aquella paysagem, o som constante e aspero, como de madeira que é serrada, dos ralos poisados nos solitarios azinheiros, unico ruido que alterava aquelle silencio de cemiterio a deshoras, tudo isto aggravou a tristeza que dominava no espirito da esposa do Carretas.

Sem duvida que a sua existencia terminaria como aquellas roseiras que via acolá, por baixo das janellas, no pequeno jardim, rozeiras seccas, queimadas pela ardencia do clima.

A sua sorte era igual sem tirar nem pôr á d'aquellas pobres hastes, d'onde já tinham brotado rosas e que por fim estereis, rastejavam resequidas pela terra!

E no entanto estava convencida de que havia por esse mundo muita felicidade... e não menos verdura.

Tinha lido muitas historias e romances, conhecia a vida intima de muitas senhoras desditosas, mas jámais encontrou outra mulher mais infeliz e desgracada do que ella! Ah! que se não fosse tão religiosa e tão temente a Deus, sentir-se-hia com forças para praticar uma asneira e romper em algum excesso! Assim, porém só lhe restava padecer e chorar!... Sim, chorar! E já que os tanques que via lá em baixo no jardim, não tinham nem pinga d'agua, ella os encheria a trasbordar com a grossa corrente das suas abundantes lagrimas!

Aqui poz termo ao soliloquio, e sentando-se na cama, com os poucos cabellos, que lhe restavam, erriçados em volta da calva, com as feições contrahidas e a boca pasmada, cravou as pupilas cinzentas e dilatadas no painel, que lhe ficava fronteiro e que representava um cavalleiro da edade média coberto de toda a armadura, mas com o rosto sem viseira e os olhos ameaçadores. Aquella figura severa, como que destacada da moldura, parecia mover-se por si lenta e lugubremente. Fr. João quiz duvidar do testemunho dos sentidos, e convencer-se de que era victima de uma illusão. Esfregou as palpebras, beliscou os braços para despertar a sensibilidade, mas o retrato continuava a adiantar-se, e um sorriso tetrico como que lhe franzia os beiços. Ao mesmo tempo os ouvidos afiados do dominicano colheram, não sem grande pavor, o som amortecido de ferros que rangiam, e um gemido longo e soturno, semelhante ao gemido doloroso de afflictivo estertor.

— *Vade retro, Satanaz!* murmurou sahindo da cama cheio de terror. *Ne nos inducas in tentatione!*

Apenas soltára a meia voz estas palavras, um sopro semelhante a furacão medonho, engolphou-se pelo quarto e apagou de golpe as duas luzes.

Fr. João recuou até ás cortinas do leito, e sentiu vergarem-lhe os joelhos, e fugir-lhe o animo. Estendendo a mão nas trevas machinalmente, encontrou uma das pistolas pousadas sobre o velador, e os dedos apertaram tambem machinalmente a coronha.

De repente um clarão sulcou a escuridade, enchendo o aposento de luz sulphurea, e no meio de chammas lividas, surgiu e cresceu uma fórma gigantesca envolta nas dobras de sudariô branco e fluctuante. Esta figura descommunal, cuja cabeça era uma caveira, lançava chispas pelas cavidades dos olhos, e acenava com os longos ossos de esqueleto. O frade tremeu, e acudiram-lhe aos labios descorados as preces e os exorcismos recommendados pela egreja contra os maleficios infernaes. Mas as armas espirituaes não produziram effeito, e, apesar da perturbação momentanea, tornou a tomar corpo no seu espirito a ideia de que podia ser aquelle espectaculo uma visualidade, ensaiada para zombar da sua boa fé. Revestindo-se, pois, de valor e decisão, apontou rapidamente ao vulto, que tinha diante, a pistola, que não largara da mão, e disparou a. Observando que o tiro não causára abalo no phantasma, pegou depois na outra pistola, e com pontaria mais segura desfechou o gatilho. Uma risada estridente respondeu ao estrondo da explosão, e o espectro, mostrando as duas balas, arremessou-as ao chão, aonde o padre mestre as ouviu rolar. Logo em seguida o clarão sumiu se de subito, espessas trevas envolveram o quarto Fr. João, quasi desmaiado, cahiu em uma das cadeiras proximas do leito, tolhido por um tremor geral em todos os membros, e paralisado na falla e nos movimentos pelo mais profundo terror.

Ao mesmo tempo as hostilidades diabolicas não eram menos activas e violentas nas camaras dos outros hospedes. Romão Pires, apenas se deitára, e escondera a cabeça debaixo da roupa, com premeditação pouco em harmonia com os brios de suas falladas campanhas, sentiu apagar-se-lhe a luz, e puxarem-lhe pelos pés o magro e aprumado corpo até o estatelarem de pancada e sem dó nas taboas do sobrado. O grito de medo e de dôr, que soltára estremunhado, teve em resposta um côro de risadas em falsete.

(Conclue.) REBELLO DA SILVA.

EPHEMERIDES SEMANAES

29 — Grande festival e *kermesse*, no passeio da Estrella, promovido pela imprensa em beneficio das victimas do cyclone dos Açores.

30 — Chegada a Lisboa do sr. conde de Macedo, novo ministro em Roma.

31 — Apresenta-se ao sr. ministro nos negocios estrangeiros o representante da Hollanda em Lisboa, recentemente chegado.

3 — Realisa-se com assistencia de Sua Magestade El-Rei, a abertura do real collegio militar, e distribuição de premios aos alumnos.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

D. Maria

Reabriu no dia 1 o theatro de D. Maria, com a *reprise* do *Amigo Fritz*.

A recepção que ali tiveram os principaes artistas, do seu regresso do Brazil, foi assignalada por uma calorosa salva de palmas, logo que appareceram em scena.

Entrou em ensaios uma comedia original do sr. Carlos de Moura Cabral, intitulada a *Kermesse*.

A empreza escripturou para esta epocha tres novos artistas, entre os quaes figura Lucinda Simões. É, como em tempo aqui dissemos, uma excellente acquisição para o nosso theatro normal. Ao lado de Rosa Damasceno e de Virginia, duas artistas, que ainda não teem rival nos seus respectivos generos, fica muito bem Lucinda Simões, cujo talento e distincção são de ha muito apreciados pelas nossas plateias.

A acceitação d'esta gentil artista no theatro de D. Maria nunca encontrou por parte da empreza a menor opposição, como erradamente alguem quiz fazer suppôr. E sabe-o de certo Lucinda, porque, com o seu fino talento, reconhece que a sua entrada não desviaria nem assombraria nenhuma das suas insignes collegas...

O *trop de zèle*, porém, que se ia manifestando n'este incidente, e de uma maneira pouco acceitavel, porque injustamente se procurava desmerecer no valor de outros artistas para realçar o de Lucinda Simões, foi felizmente abrandado, collocando-se a reputação de cada um na sua respectiva altura.

Assim, dissipadas essas nuvens que pareciam ameaçar tempestade, póde o publico ficar plenamente satisfeito por ter de futuro occasião de apreciar e de applaudir ao lado de Rosa Damasceno e de Virginia a gentil actriz Lucinda Simões.

Lucinda Simões entra, pois, no palco de D. Maria, mas entra bem, entra só, entra pelo seu pé, sem carecer de ir pelo braço de nenhum protector, que, aliás, póde sempre dispensar.

E, depois, não é regra de boa etiqueta, quando se quer acompanhar uma senhora, ter de abrir caminho, acotovellando imprudentemente as outras.

Um pouco de galanteria... *ça ne gâte rien!*

*

Trindade

Continua em scena o *Brazileiro Pancracio*.

*

Nos outros theatros continuam em scena os mesmos espectaculos.

*

Real Colyseu

A companhia Alegria, que sabbado se estreiou n'este circo, foi acolhida lisongeiramente pelo publico.

Entre outros artistas, cujos trabalhos merecem os applausos dos espectadores, distinguem-se o da equilibrista, no fio de arame, o dos pequeninos gymnastas no trapezio, e o de mademoiselle Adele, uma graciosa amazona, que, apesar de estar no começo da carreira, revella excellentes qualidades nos exercicios que executa. Os saltos nas barreiras são feitos com firmeza, e provocam sempre calorosos applausos.

Na sexta-feira realisou-se a primeira recita de moda, a que assistiu El-Rei, e as principaes familias da nossa sociedade elegante.

*

Praça de touros

Realisa-se hoje no Campo Pequeno o beneficio do sympathico cavalleiro Adelino Raposo.

Tomam parte n'esta corrida os festejados cavalleiros, Alfredo Tinoco, Fernando d'Oliveira e Manuel Casimiro d'Almeida.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1